

Ministério avalia até março pílula da calvície

Associated Press

Medicamento aprovado nos EUA pode ter efeitos colaterais, como a impotência

A Comissão de Assessoramento Técnico em Medicamentos da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde avalia até março, de acordo com membros do órgão, a liberação no País da pílula contra a calvície.

O medicamento Propecia, fabricado pelo laboratório Merck & Co., foi aprovado para venda nos Estados Unidos na sexta-feira pela Administração de Drogas e Alimentos (FDA). O medicamento, que deve ser tomado uma vez ao dia, impede a queda de cabelos e estimula o crescimento. Mas pode causar impotência, advertem os médicos.

Segundo o laboratório, o remédio estará disponível para prescrição médica nos Estados Unidos em meados

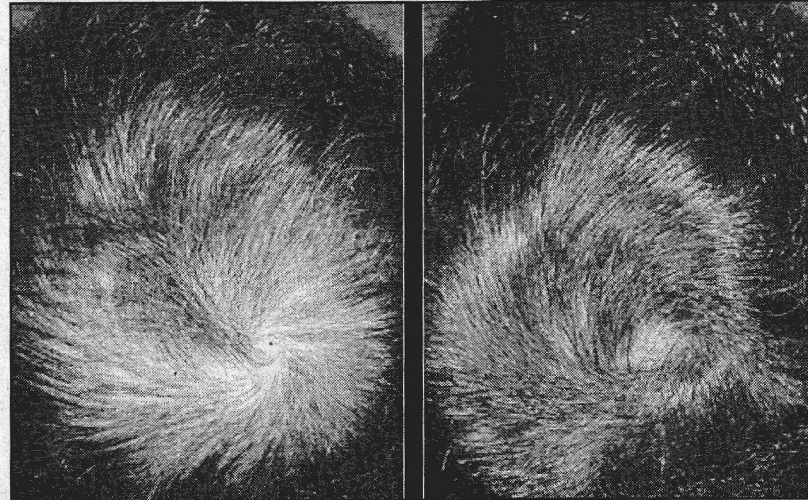
de janeiro. A Merck estima que o suprimento mensal do produto deverá custar entre US\$ 45 e US\$ 49.

Durante os testes, nenhum dos homens que usou o remédio, e foram centenas, recuperou totalmente os cabelos. Mas, fotografias feitas antes e depois mostraram que a pílula pode reduzir os focos de calvície. Em alguns casos o efeito foi tão bom que apenas um quarto do couro cabeludo sem cabelo ficou à mostra.

Há cerca de 40 milhões de norte-americanos calvos, que até agora tinham como única opção de tratamento a droga Rogaine. Milhares de calvos gastaram entre US\$ 15 e US\$ 30 por mês tentando obter sucesso com a droga.

**REMÉDIO É O
PRIMEIRO A
TRATAR CAUSA
GENÉTICA**

Cuidados—O médico João Fittipaldi, gerente de Pesquisas Clínicas da Merck Sharp & Dohme, a subsidiária brasileira do laboratório norte-americano, informou ontem que o laboratório encaminhou há um ano o pedido de registro para comercialização à Secretaria



Pílula anti-calvície: antes e depois dos teste com a droga Propecia

Nacional de Vigilância Sanitária, órgão do Ministério da Saúde. “Estamos aguardando o posicionamento do ministério”, disse.

Na prática, porém, o medicamento poderá ser importado. O cirurgião plástico Fábio Naccache, do Hospital Sírio Libanês, disse que não receitará o Propecia para seus pacientes calvos por temer os efeitos colaterais já descritos e relacionados à queda na libido e ao risco de o homem

desenvolver impotência. “É preferível fazer um acompanhamento de longo prazo para confirmar os efeitos clínicos do medicamento”, disse.

Ele ressaltou, porém, que se trata da primeira droga que age sobre a causa genética da calvície. “Ela inibe a conversão do hormônio masculino testosterona, impedindo-o de provocar atrofia no folículo piloso”, descreveu. Até então, os calvos dispunham do Rogaine, ou Minoxidil, de

uso tópico, “de resultado cosmético pobre”, segundo Naccache, e da cirurgia de microtransplante de cabelo no couro cabeludo, cuja resposta é variável.

O laboratório está de olho no potencial de consumo estimado em 15 milhões de homens em todo o mundo. O registro pela FDA foi precedido de um estudo que envolveu, durante um ano, 1.879 homens em vários países, dos quais 27 brasileiros.

De acordo com Fittipaldi, foram selecionados portadores de calvície de leve a moderada na faixa etária dos 18 aos 41 anos. Os resultados mostraram que 17% dos que tomaram o Propecia apresentaram queda de cabelo, o que ocorreu com 72% do grupo que recebeu placebo (substância inócua e sem efeito).

Da mesma forma, 66% do primeiro grupo apresentaram crescimento piloso, comparados a apenas 7% do segundo. Os efeitos colaterais foram relatados por 2% dos que se submeteram à terapêutica. Houve diminuição da libido em 1,8% dos homens que tomaram a droga, enquanto um grupo de 1,3% teve a ereção comprometida. “A incidência é pequena, mas existe”, alertou Naccache.